

Gabriel García Márquez



CONTOS COMPLETOS  
(1947-1992)



D. QUIXOTE



### **Os Funerais da Mamã Grande (1962)**

- A sesta de terça-feira (1962) 15  
Um dia destes (1962) 27  
Neste povoado não há ladrões (1962) 33  
A tarde prodigiosa de Baltazar (1962) 71  
A viúva de Montiel (1962) 83  
Um dia depois do sábado (1962) 93  
Rosas artificiais (1962) 125  
Os funerais da Mamã Grande (1962) 135

### **A Incrível e Triste História da Cândida Eréndira e da Sua Avó Desalmada (1972)**

- Um senhor muito velho com umas asas enormes (1968) 161  
O mar do tempo perdido (1961) 173  
O afogado mais bonito do mundo (1968) 197  
Morte constante para além do amor (1970) 207  
A última viagem do Navio Fantasma (1968) 221  
Blacamán o Bom, vendedor de milagres (1968) 231  
A incrível e triste história da cândida Eréndira e da sua avó desalmada (1972) 245

### **Olhos de Cão Azul (1974)**

- A terceira resignação (1947) 311  
Eva está dentro do seu gato (1947) 325  
Tubal-Caín inventa uma estrela (1948) 341

A outra costela da morte (1948)	355
Diálogo do espelho (1949)	369
Amargura para três sonâmbulos (1949)	381
Natanael faz uma visita (1950)	389
Olhos de cão azul (1950)	403
A mulher que chegava às seis (1950)	415
A noite dos alcaravões (1950)	433
Alguém desarruma estas rosas (1950)	441
Nabo, o negro que fez esperar os anjos (1951)	449
Um homem chega debaixo de chuva (1954)	463
Monólogo de Isabel vendo chover em Macondo (1955)	471

### **Doze Contos Peregrinos (1992)**

Porquê doze, porquê contos e porquê peregrinos	485
Boa viagem, senhor presidente (1979)	495
A santa (1981)	529
O avião da Bela Adormecida (1982)	549
Alugo-me para sonhar (1980)	559
«Só vim fazer um telefonema» (1978)	571
Surpresas de Agosto (1980)	595
Maria dos Prazeres (1979)	603
Dezassete ingleses envenenados (1980)	623
Tramontana (1982)	643
O feliz verão da senhora Forbes (1976)	653
A luz é como a água (1978)	673
O rasto do teu sangue na neve (1976)	681



O comboio saiu do trepidante corredor de rochas vermelhas, penetrou nas plantações de bananeiras, simétricas e intermináveis, e o ar tornou-se húmido e não se voltou a sentir a brisa do mar. Uma fumarada sufocante entrou pela janela da carruagem. Viam-se carros de bois carregados de cachos verdes no estreito caminho paralelo à via férrea. Do outro lado, em inesperados espaços não semeados, havia escritórios com ventiladores elétricos, construções de tijolo vermelho e moradias com cadeiras e mesinhas brancas em terraços situadas entre palmeiras e roseiras cobertas de poeira. Eram onze da manhã e o calor ainda não tinha começado.

– É melhor levantares o vidro – disse a mulher. – Vais ficar com o cabelo todo sujo de carvão.

A menina tentou fazê-lo, mas a janela estava emperada devido à ferrugem.

Eram os únicos passageiros da modesta carruagem de terceira classe. Como o fumo da locomotiva continuou a entrar pela janela, a menina levantou-se do banco e colocou nele os únicos objetos que traziam: um saco de plástico com algumas coisas para comer e um ramo de

flores envolvido em papel de jornal. Sentou-se no banco fronteiro, afastada da janela, em frente da mãe. Ambas guardavam um luto rigoroso e pobre.

A menina tinha doze anos e viajava pela primeira vez. A mulher parecia velha de mais para ser mãe dela, por causa das veias azuis das pálpebras, e do corpo pequeno, franzino e sem formas, metido num vestido talhado como uma sotaina. Viajava com a coluna vertebral firmemente apoiada nas costas do assento, segurando no regaço, com ambas as mãos, uma bolsa de verniz sem brilho. Tinha a escrupulosa serenidade da pessoa acostumada à pobreza.

O calor tinha começado ao meio-dia. O comboio parou dez minutos numa estação sem povoação a fim de se abastecer de água. Lá fora, no misterioso silêncio das plantações, a sombra tinha um aspeto limpo. Todavia, o ar fechado na carruagem cheirava a coiro por curtir. O comboio não tornou a acelerar. Deteve-se em duas povoações iguais, com casas de madeira pintadas de cores vivas. A mulher inclinou a cabeça e mergulhou na sonolência. A menina descalçou os sapatos e depois foi aos sanitários deitar água no ramo de flores mortas.

Quando regressou ao assento, a mãe esperava-a para comerem. Deu-lhe um pedaço de queijo, meio pão de milho e uma bolacha, e tirou do saco de plástico, para ela, uma ração igual. Enquanto comiam, o comboio atravessou muito devagar uma ponte de ferro e passou a certa distância de uma povoação igual às anteriores, com a única diferença de que nesta havia uma multidão na praça. Um grupo de músicos executava uma peça alegre, sob o sol abrasador. Do outro lado da povoação,

numa planície fendida pela aridez, terminavam as plantações.

A mulher parou de comer.

– Calça os sapatos – disse.

A menina olhou para o exterior. Nada mais viu além da planície deserta por onde o comboio voltava a correr de novo, mas meteu no saco o resto da bolacha e calçou prontamente os sapatos. A mulher deu-lhe um pente.

– Penteia-te.

O comboio começou a apitar enquanto a menina se penteava. A mulher enxugou o suor do pescoço e limpou a gordura da cara com os dedos. Quando a menina acabou de se pentear, o comboio passou diante das primeiras casas de uma povoação maior mas mais triste do que as anteriores.

– Se tens vontade de fazer alguma coisa, faz agora – disse a mulher. – Depois, mesmo que estejas a morrer de sede, não bebas água em lado nenhum. E sobretudo não te ponhas a chorar.

A menina assentiu com a cabeça. Entrava pela janela um vento ardente e seco, misturado com o apitar da locomotiva e o estrépito das velhas carruagens. A mulher enrolou o saco com os restos dos alimentos e meteu-o na bolsa. Por instantes, a imagem de toda a povoação surgiu resplandecente na janela, naquela luminosa terça-feira de agosto. A menina enrolou as flores nas folhas de papel de jornal molhadas, afastou-se um pouco mais da janela e olhou para a mãe fixamente. Esta retribuiu-lhe o olhar com uma expressão tranquila. O comboio apitou e reduziu a marcha. Imobilizou-se momentos depois.

Não havia ninguém na estação. Do outro lado da rua, no passeio sombreado pelas amendoeiras, somente

estava aberto o salão de bilhar. A povoação flutuava no calor. A mulher e a menina desceram do comboio, atravessaram a estação abandonada, cujos ladrilhos começavam a rachar devido à pressão da erva, e cruzaram a rua até ao passeio à sombra.

Eram quase duas horas. Àquela hora, oprimida pela sonolência, a povoação dormia a sesta. Os armazéns, as repartições públicas, a escola municipal, encerravam a partir das onze e não tornavam a abrir senão um pouco antes das quatro, quando passava o comboio no sentido oposto. Apenas se mantinham abertos o hotel situado em frente da estação, o seu restaurante e o seu salão de bilhar, e o escritório do telégrafo, num canto da praça. As casas, construídas na sua maioria segundo o modelo da companhia bananeira, tinham as portas fechadas por dentro e as persianas descidas. Fazia tanto calor em algumas delas que os moradores almoçavam no pátio. Outros levavam um assento para a sombra das amendoeiras e faziam a sesta sentados em plena rua.

Procurando sempre a sombra das amendoeiras, a mulher e a menina entraram na povoação sem perturbar a sesta. Dirigiram-se diretamente à sede paroquial. A mulher bateu levemente com a unha na rede metálica da porta, esperou um momento e tornou a bater. Lá dentro, zumbia uma ventoinha elétrica. Não se ouviram passos. Ouviu-se somente o ranger de uma porta e a seguir uma voz cautelosa, muito próxima da rede metálica: «Quem é?» A mulher tentou ver através da rede metálica.

- Preciso de falar com o padre.
- Agora está a dormir.
- É urgente – insistiu a mulher.

A voz dela tinha uma tenacidade tranquila.



A porta entreabriu-se sem ruído e apareceu uma mulher madura e atarracada, de pele muito pálida e cabelos cor de ferrugem. Os olhos pareciam demasiado pequenos por trás das grossas lentes dos óculos.

– Entrem – disse, e acabou de abrir a porta.

Conduziu-as a uma sala impregnada de um cheiro antigo a flores. A mulher da casa levou-as até um banco de espaldar e fez-lhes sinal para se sentarem. A menina obedeceu, mas a mãe permaneceu de pé, absorta, com a bolsa agarrada com as duas mãos. Não se distinguia qualquer ruído por detrás do som da ventoinha elétrica.

A mulher da casa apareceu na porta do fundo.

– Ele diz que voltem depois das três – disse em voz muito baixa. – Deitou-se há cinco minutos.

– O comboio parte às três e meia – disse a mulher.

Foi uma réplica breve e segura, mas a voz dela continuava a ser tranquila, rica em inflexões. A mulher da casa sorriu pela primeira vez.

– Está bem – disse.

Quando a porta do fundo tornou a fechar-se, a mulher sentou-se ao lado da filha. A estreita sala de espera era pobre, arrumada e limpa. Do outro lado de uma balaustrada que dividia a sala, havia uma mesa de trabalho, muito simples, com uma toalha de oleado, e em cima da mesa uma velha máquina de escrever junto de uma jarra com flores. Por trás, estavam os arquivos paroquiais. Notava-se que era um gabinete cuidado por uma mulher solteira.

Abriu-se a porta do fundo e apareceu o sacerdote, a limpar os óculos com um lenço. Só quando os pôs se tornou evidente que ele era irmão da mulher que tinha aberto a porta.

– Que deseja? – perguntou.

– As chaves do cemitério – disse a mulher.

A menina estava sentada com as flores no colo e os pés cruzados debaixo do banco. O sacerdote olhou para ela, depois olhou para a mulher, e depois, através da rede metálica da janela, para o céu brilhante e sem nuvens.

– Com este calor – disse. – Era melhor esperarem que o sol baixasse.

A mulher abanou a cabeça em silêncio. O sacerdote passou para o outro lado da balaustrada, tirou do armário um caderno forrado de oleado, uma caixa de madeira com canetas e um tinteiro, e sentou-se à mesa. O cabelo que lhe faltava na cabeça sobrava-lhe nas mãos.

– Que sepultura vão visitar? – perguntou.

– A de Carlos Centeno – disse a mulher.

– De quem?

– De Carlos Centeno – repetiu a mulher.

O padre continuou sem perceber.

– É o ladrão que mataram aqui, na semana passada – disse a mulher sem alterar a voz. – Sou a mãe dele.

O sacerdote observou-a com atenção. Ela olhou-o fixamente, tranquilamente senhora de si, e o padre ruborizou. Inclinou a cabeça para escrever. À medida que preenchia a folha, pedia à mulher elementos de identificação, e ela respondia sem hesitações, com pormenores precisos, como se estivesse a ler. O padre começou a suar. A menina desapertou a presilha do sapato esquerdo, descalçou o calcanhar e apoiou-o no contraforte. Fez o mesmo com o direito.

Tudo tinha principiado na segunda-feira da semana anterior, às três da madrugada e a poucos quarteirões

dali. A senhora Rebeca, uma viúva solitária, que vivia numa casa cheia de trastes velhos, apercebeu-se, apesar do ligeiro ruído da chuva, de que alguém tentava forçar a porta da rua. Levantou-se, foi às apalpadelas procurar no guarda-vestidos um revólver arcaico, que ninguém tinha disparado desde os tempos do coronel Aureliano Buendía, e encaminhou-se para a sala sem acender as luzes. Orientando-se menos pelo ruído da fechadura do que por um terror desenvolvido dentro dela por vinte e oito anos de solidão, localizou na imaginação não só o sítio onde estava a porta mas ainda a altura exata da fechadura. Segurou a arma com as duas mãos, fechou os olhos e premiu o gatilho. Era a primeira vez na sua vida que disparava um revólver. Logo a seguir à detonação nada mais ouviu senão o murmúrio do chuvisco no telhado de zinco. Depois escutou o som de um objeto metálico caindo no passeio de cimento e uma voz muito baixa e tranquila, mas muitíssimo cansada: «Ai, minha mãe.» O homem que amanheceu morto diante da casa, com o nariz despedaçado, vestia uma camisa às riscas coloridas, uma calças ordinárias com uma corda a fazer de cinto, e estava descalço. Ninguém o conhecia na povoação.

– Com que então chamava-se Carlos Centeno – murmurou o padre quando acabou de escrever.

– Centeno Ayala – disse a mulher. – Era o único varão.

O sacerdote acercou-se de novo do armário. Penduradas num prego no interior da porta achavam-se duas chaves grandes e enferrujadas, como imaginava a menina e como imaginava a mãe quando era menina e como deve ter imaginado alguma vez o próprio sacerdote que seriam as chaves de São Pedro. Pegou nelas,

colocou-as sobre o livro aberto em cima da balaustrada e apontou com o indicador um local na página escrita, olhando para a mulher.

– Assine aqui.

A mulher garatujou o nome, segurando a bolsa debaixo da axila. A menina pegou nas flores, aproximou-se da balaustrada e observou atentamente a mãe.

O padre suspirou.

– Nunca tentou fazê-lo entrar no bom caminho?

A mulher respondeu, quando acabou de assinar.

– Era um homem muito bom.

O sacerdote olhou atentamente para a mulher e para a menina e verificou com uma espécie de piedosa estupefação que não estavam prestes a chorar.

A mulher continuou, sem se alterar:

– Eu dizia-lhe que nunca roubasse nada que fizesse falta a alguém para comer e ele dava-me ouvidos. Em contrapartida, dantes, quando jogava boxe, passava às vezes três dias na cama prostrado pelos socos.

– Teve de arrancar os dentes todos – interveio a menina.

– É verdade – confirmou a mulher. – Cada bocado que eu comia nesse tempo tinha o gosto das bordoadas que davam ao meu filho nos sábados à noite.

– A vontade de Deus é inescrutável – disse o padre.

Falou, porém, sem muita convicção, em parte porque a experiência o tornara um pouco cético, em parte por causa do calor. Recomendou-lhes que protegessem a cabeça para evitar alguma insolação. Indicou-lhes, bocejando, e quase a dormir, o que deviam fazer para encontrar a sepultura de Carlos Centeno. No regresso, não era preciso baterem à porta. Deviam meter a chave por baixo da porta, e deixar também ali, se tivessem, uma

esmola para a Igreja. A mulher ouviu as explicações com muita atenção, mas agradeceu sem sorrir.

Antes de abrir a porta da rua, o padre deu-se conta de que havia gente a olhar lá para dentro, com os narizes esborrachados contra a rede metálica. Era um grupo de rapazinhos. Quando abriu completamente a porta, as crianças dispersaram. Habitualmente, não havia ninguém na rua àquela hora. Naquele momento, não estavam ali só crianças. Havia grupos debaixo das amendoeiras. O padre examinou a rua distorcida pela reverberação e então compreendeu. Voltou a fechar suavemente a porta.

– Esperem um minuto – disse, sem olhar para a mulher.

A irmã apareceu na porta do fundo, com um casaco preto por cima da camisa de dormir e o cabelo solto sobre os ombros. Fitou o padre em silêncio.

– Que foi? – perguntou ele.

– As pessoas perceberam – murmurou a irmã.

– É melhor saírem pela porta do pátio – disse o padre.

– É a mesma coisa – volveu a irmã. – Está toda a gente à janela.

A mulher parecia até então não ter compreendido. Espreitou a rua através da rede metálica. Depois tirou o ramo de flores à menina e começou a encaminhar-se para a porta. A menina seguiu-a.

– Esperem até o sol estar mais baixo – disse o padre.

– Vão ficar derretidas – disse a irmã, imóvel no fundo da sala. – Esperem, que eu empresto-lhes uma sombrinha.

– Obrigada – replicou a mulher. – Vamos bem assim.

Pegou na mão da menina e saiu para a rua.

